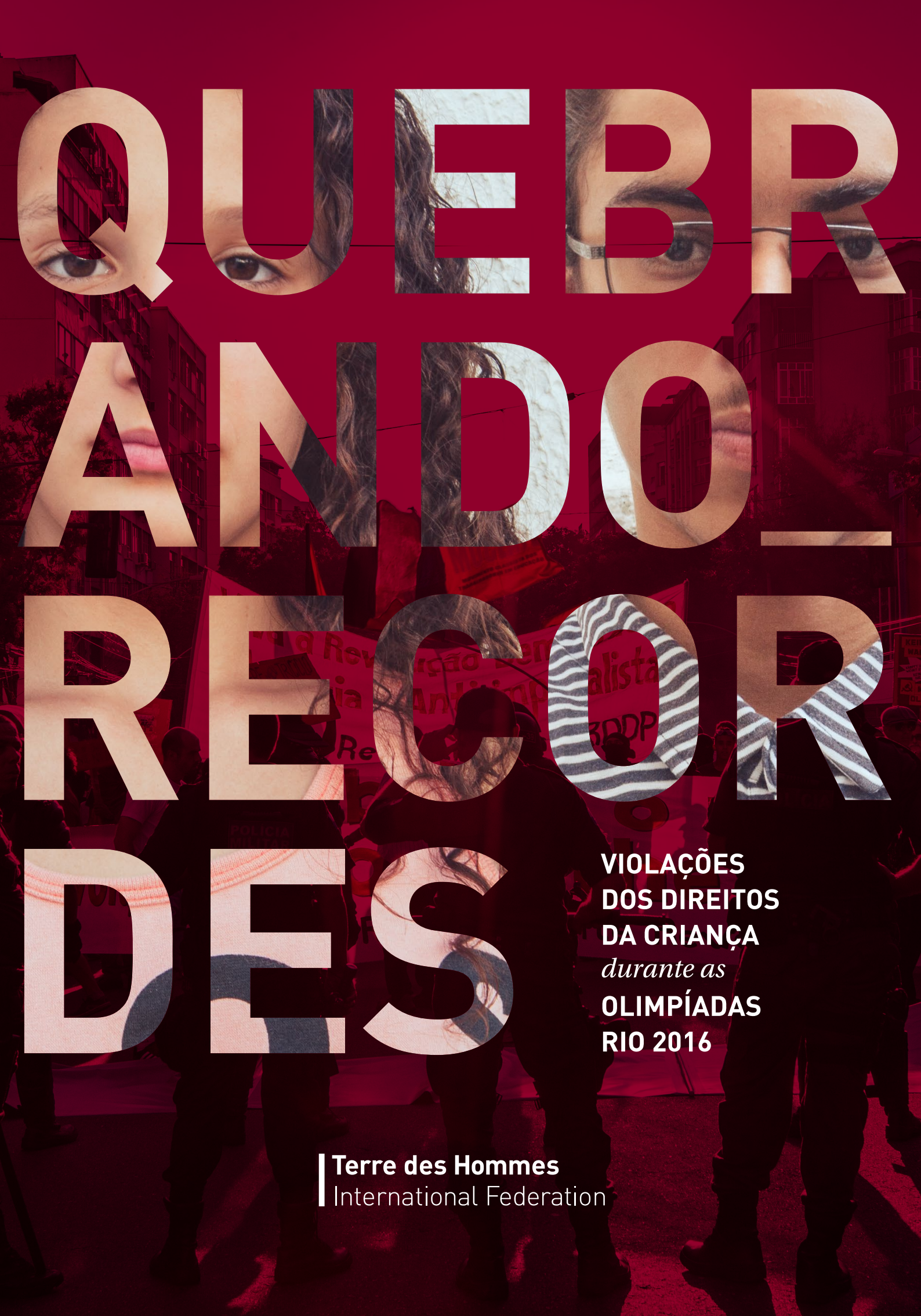


QUEBRANDO RECORDES

VIOLAÇÕES DOS DIREITOS DA CRIANÇA *durante as* OLIMPÍADAS RIO 2016

Terre des Hommes
International Federation

A **Federação Internacional Terre des Hommes** é uma rede de dez organizações nacionais trabalhando pelos direitos da criança e para promover o desenvolvimento igualitário sem discriminação racial, religiosa, política, cultural ou de gênero. Através da campanha ***Children Win,*** nosso principal objetivo é conscientizar e pressionar órgãos dirigentes desportivos para minimizar os impactos negativos dos Megaeventos Esportivos sobre as crianças e ampliar suas oportunidades.

Publicado dia 29 de setembro de 2016 por
Federação Internacional Terre des Hommes
31 Chemin Frank Thomas
CH-1223 Cologny/Genebra (Suíça)
www.terredeshommes.org

Campanha Children Win
www.chindrenwin.org
info@childrenwin.org

Copyright © Terre des Hommes International Federation 2016
Todos os direitos reservados.
Língua original: Inglês
Versões: Português
Impresso na França

Design gráfico: André Mantelli
Versão em português: Dr. Karin Elisabeth von Schmalz Peixoto, revisado por Marina D'Aquino
Fotos: André Mantelli e Victor Adams Mantelli

Metodologia
Este relatório é baseado em entrevistas com vítimas, familiares de vítimas, advogados, defensores públicos, agentes da Polícia Civil na ativa, acadêmicos e membros de organizações não governamentais realizadas no Rio de Janeiro entre julho e setembro de 2016. Além disso, foram analisados dados estatais, tanto aqueles disponíveis ao público quanto os fornecidos a pedido da Terre des Hommes. Revisamos artigos de jornais, estudos acadêmicos, relatórios e outros documentos. Omitimos o nome de algumas vítimas por razões de segurança e indicamos quando pseudônimos foram usados nas citações correspondentes. Todos os entrevistados foram informados dos propósitos das entrevistas e que suas entrevistas poderiam ser usadas publicamente. Medidas de proteção às crianças, incluindo autorização de membros da família, foram obtidas para todas as entrevistas com crianças (de acordo com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, considera-se como criança todo ser humano com menos de 18 anos de idade). Não foram oferecidos nem fornecidos incentivos às pessoas entrevistadas. Entrevistados tinham a liberdade de interromper a entrevista a qualquer momento, caso sentissem-se desconfortáveis. Todas as entrevistas foram realizadas em português.

Agradecimentos
Este relatório foi pesquisado e redigido por Andrea Florence, defensora de direitos humanos e campaigner na Terre des Hommes. Foi revisado e editado por Beth McLoughlin, editora sênior, Marianne Meier, coordenadora de pesquisa sênior e Marc Joly, chefe de campanha. Nós gostaríamos de agradecer às crianças, adolescentes, e aos parentes das vítimas e agentes de polícia que conversaram conosco, assim como aos representantes governamentais e outros indivíduos que forneceram informações para este relatório. Além disso, gostaríamos de agradecer às entidades da sociedade civil que nos ajudaram a produzir este relatório, especialmente a Anistia Internacional Brasil, Movimento Moleque, Pastoral do Menor Rio de Janeiro, Projeto Legal, Associação Brasileira Terra dos Homens, Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Rio de Janeiro, Childhood Brasil e Instituto Igarapé.

RECORDES *de um* "MUNDO NOVO"

A mensagem de um "Mundo Novo", o slogan oficial dos Jogos Olímpicos Rio 2016, era otimista: as Olimpíadas seriam uma vitrine para novos heróis, e para o poder transformador do esporte, em novos territórios e para a próxima geração.[1] Contudo, quando visto para além dos fogos de artifício e do encantamento da Cerimônia de Abertura, não é difícil perceber que tipo de transformação os Jogos trouxeram às vidas dos jovens do Rio.

O "Mundo Novo" do Rio viu o mesmo aumento em abusos de outros Megaeventos Esportivos, como os Jogos Pan-Americanos de 2007 e a Copa do Mundo de 2014. Uma série de violações que atingem especificamente crianças e adolescentes foi observada assim que os Jogos começaram. À medida que as medalhas eram premiadas, a chance das Olimpíadas deixar um futuro mais promissor para os jovens no Rio começou a parecer cada vez mais improvável.

A Terre des Hommes já havia chamado a atenção aos riscos relacionados às Olimpíadas do Rio no período que antecedeu o evento.[2] Agora, as consequências de longo prazo vieram à tona. Crianças que enfrentaram remoções forçadas perderam vagas nas escolas, mudaram-se para áreas perigosas, e perderam o contato com amigos e com o tecido social de suas comunidades anteriores. As entrevistas da Terre des Hommes revelaram fortes evidências que indicam o aumento da violência policial contra adolescentes em situação de rua e a intenção de "limpar" as ruas à medida que os Jogos se aproximavam. O Rio viu um aumento devastador no número de superlotação no sistema socioeducativo quando comparado com o ano anterior e a deterioração das condições dessas unidades.

Táticas opressoras e o uso indiscriminado da força foram usados pela polícia para reprimir jovens protestando pacificamente tanto no Rio quanto em São Paulo, incluindo o uso de balas de borracha, gás de pimenta e bombas de efeito moral. Notavelmente, os altos índices de assassinatos pela polícia, que afetam desproporcionalmente jovens homens negros, aumentaram durante as Olimpíadas em comparação com o ano anterior. Durante as duas semanas dos Jogos, pelo menos dois menores de 18 anos foram mortos pela polícia em operações na cidade do Rio de Janeiro e 75 jovens foram detidos em protestos pacíficos.

Ao expor essas violações e fatos, a Terre des Hommes está pedindo mais uma vez que o Comitê Olímpico Internacional e outras organizações dirigentes desportivas levem seriamente em consideração as recomendações listadas ao final deste relatório.

1. *Rio 2016, "A New World: Rio 2016 unveils official slogan for Olympic and Paralympic Games" ['Um Novo Mundo: Rio 2016 revela o slogan oficial para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos'], 14 de junho de 2016 https://www.rio2016.com/en/news/a-new-world-rio-2016-unveils-official-olympic-slogan (acessado em 05.09.15).*

2. *Terre des Hommes contribuiu com o Capítulo sobre Crianças e Adolescentes do "Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro – Olimpíada Rio 2016: os Jogos da Exclusão" do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, Novembro de 2015.*

O *slogan* olímpico "A new world"/ "Um mundo novo", Rio de Janeiro, 2016

O LEGADO *das* REMOÇÕES OLÍMPICAS: FAMÍLIAS DESPEDAÇADAS

A Prefeitura do Rio admitiu que mais de 22.000 famílias foram despejadas entre 2009 e 2015.[3] Além da Vila Autódromo, a comunidade vizinha ao Parque Olímpico, muitos projetos listados oficialmente como parte do Legado Olímpico também envolveram milhares de remoções que não respeitaram o devido processo legal.[4]

Ausência de informações claras e serviços básicos

A demolição de lares acarretou consequências psicológicas de longo prazo para muitas crianças, algumas das quais procuraram tratamento psicológico para problemas que incluem pesadelos persistentes após testemunharem a frequente demolição violenta de suas casas.[5] Famílias entrevistadas pela Terre des Hommes descreveram ter arrependido-se de mudar para habitações governamentais por causa da localização distante de suas novas casas e por conta das informações incompletas ou falsas em relação ao acesso a serviços.

Muitos foram deixados em situação precária por não terem recebido os documentos oficiais que provem que eles são os proprietários legais das casas do programa "Minha Casa, Minha Vida" (programa governamental de habitação social). Apesar da Prefeitura ter prometido que seria apenas uma questão de troca de chaves, muitos receberam contas exigindo que pagassem a totalidade do custo dos apartamentos. Sem nada que provasse que eles eram os proprietários legais, eles foram deixados com péssimas classificações de crédito e com a ameaça de desalojamento pairando sobre eles e suas crianças.

Mães contaram à Terre des Hommes que suas crianças não conseguiam achar vagas nas escolas em suas novas localizações e foram forçadas a repetir o ano. Outras têm enfrentado viagens longas ou perigosas para a escola ou para locais onde recebem cuidados médicos essenciais. Muitos pais também relataram a perda de seus empregos quando foram movidos para as novas áreas, distanciando-se até 60 km de seus lares originais. Isso torna difícil o sustento financeiro de suas famílias e aumenta ainda mais o risco de exploração sexual ou de trabalho infantil, já que suas rendas estão reduzidas.

Transportados para o perigo

O perigo mais comum vivenciado pelos moradores que foram movidos para os blocos residenciais do "Minha Casa, Minha Vida" é o domínio das milícias. Formados por grupos de policiais, ex-policiais, bombeiros, membros das forças armadas e criminosos, eles exercem uma forma de controle social e terror sobre os residentes, proibindo as crianças de brincarem do lado de fora em certos períodos, por exemplo.

Durante o primeiro semestre de 2015, repórteres do jornal local "Extra" descobriram que, em certo ponto, mais da metade dos condomínios do "Minha Casa, Minha Vida" – 38 conjuntos residenciais na região oeste – estava sob o controle da milícia.[6] Entre eles, os condomínios de Livorno, Trento e Varese, no Cosmos, e

As novas casas da Vila Autódromo e, ao fundo, o Centro de Mídia do Parque Olímpico e o Hotel Marriott, Rio de Janeiro, 2016

Treviso, Terni e Ferrara, em Campo Grande, que receberam pessoas removidas por causa das Olimpíadas. Os residentes relataram que a forte intimidação e as ameaças da milícia ativa levaram 300 residentes da Vila União a aceitar os despejos sem nenhuma resistência ou protesto.

Também há casos de crianças sendo removidas para áreas perigosas como o conjunto do "Minha Casa, Minha Vida" em Senador Camará, onde crianças são forçadas a permanecerem em casa e não brincar na rua por conta dos tiroteios constantes.

As novas casas da Vila Autódromo

A Vila Autódromo já foi o lar de mais de 600 famílias. Apesar de viverem há muito tempo sob a ameaça de remoção, à medida que os Jogos começaram a se aproximar o governo intensificou a pressão: cortes de energia, falta de água limpa, destroços deixados espalhados e violência policial durante as remoções forçadas. Após vários anos de protesto, em abril de 2016, as autoridades governamentais finalmente concordaram em reacomodar 20 famílias dentro da Vila Autódromo. Apesar de que os moradores precisaram lutar até o último segundo para ter suas casas terminadas, pois as chaves de suas novas moradas só saíram uma semana antes da Cerimônia de Abertura. Também foram prometidos para depois dos Jogos a associação de moradores, uma área de lazer nova e um centro cultural.[7]

3. *Prefeitura do Rio de Janeiro, "Política Habitacional do Rio, suas diretrizes e números macros", 24 de julho de 2015, https://medium.com/explicando-a-pol%C3%ADtica-de-habita%C3%A7%C3%A3o-da-prefeitura (acessado em 04.09.2016).*

4. *As vias de BRT da Transoeste e Transolímpica, a renovação da área portuária, a instalação do teleférico em Providência e os supostos estacionamentos ou outros projetos olímpicos (que nunca foram construídos) no Metrô Mangueiro e na Vila Recreio II, também envolveram milhares de despejos.*

5. *"Forced evictions in Rio favela for 2016 Olympics trigger violent clashes" ['Despejos forçados em favela do Rio para as Olimpíadas 2016 causam conflitos violentos'], 3 de Junho de 2015, https://www.theguardian.com/world/2015/jun/03/forced-evictions-vila-autodromo-rio-olympics-protests e http://apublica.org/100/?p=298&lang=pt (acessado em 04.09.2016).*

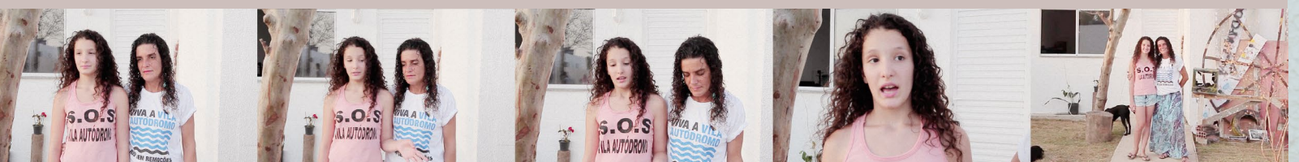
6. *Extra, "Na Zona Oeste, milícia domina 38 conjuntos do 'Minha casa, minha vida' e até pinta seu símbolo nos condomínios", 26 de março de 2016, http://extra.globo.com/casos-de-policia/na-zona-oeste-milicia-domina-38-conjuntos-do-minha-casa-minha-vida-ate-pinta-seu-simbolo-nos-condominios-15701296.html (acessado em 04.09.2016).*

7. *Terre des Hommes, "Families begin new life in Rio's Vila Autódromo" ['Famílias começam nova vida na Vila Autódromo, no Rio'], 17 de agosto de 2016, http://www.childrenwin.org/families-begin-new-life-in-rios-vila-autodromo/ (acessado em 04.09.2016).*

Retrato *de uma* **infância interrompida**

Pérola Teixeira, 12, vive em uma das 20 casas construídas pela Prefeitura do Rio na Vila Autódromo. Os amigos de Pérola, inclusive sua melhor amiga, deixaram a Vila Autódromo e ela raramente os vê agora. Durante o longo trabalho de construção do Parque Olímpico e a demolição das casas, Pérola foi aconselhada por sua mãe, Sandra Maria, a permanecer dentro de casa por causa da quantidade de homens estranhos na comunidade, e do medo de que eles pudessem abordá-la sexualmente. Ela sofreu principalmente com a poeira dos destroços deixados espalhados na comunidade por causa de seus problemas respiratórios. Ela descreveu à Terre des Hommes como ela caiu em um buraco deixado no chão por tratores enquanto andava de bicicleta. Pérola vivenciou a pressão psicológica exercida pela Prefeitura em primeira mão. "Eles disseram que os últimos a sair não iriam receber nada, eles demoliram a casa de um morador enquanto as coisas deles ainda estavam lá dentro", ela disse.

Clique **aqui** *e assista ao depoimento.*



“LIMPANDO”*as* RUAS: RECOLHIMENTO COMPULSÓRIO *de* CRIANÇAS *e* ADOLESCENTES

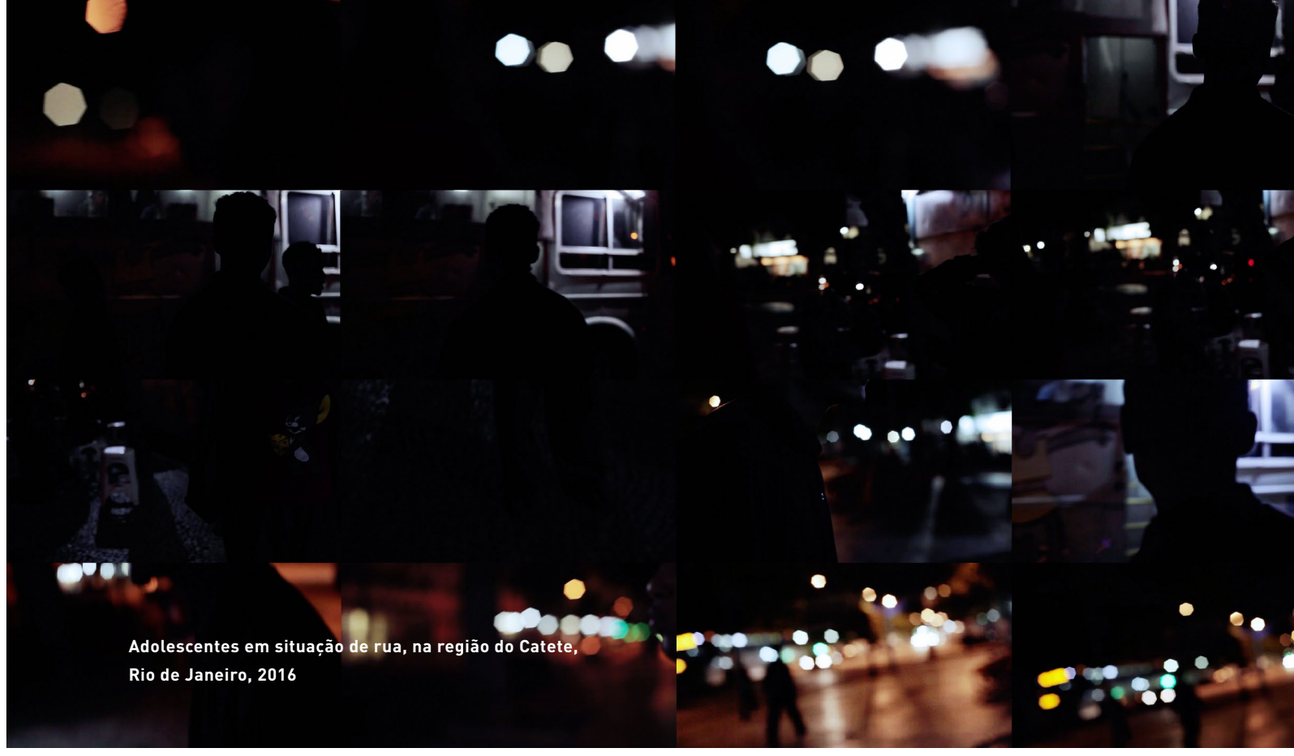
Na preparação bem como durante a Copa do Mundo de 2014, guardas municipais, junto com instituições de inspeção e saneamento, atravessavam alguns bairros da cidade – geralmente áreas turísticas – recolhendo não apenas lixo e mercadorias ilegais de vendedores ambulantes, mas também adultos e crianças vivendo em situação de rua.[8] Ano passado, o Comitê das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança alertou sobre a repetição da situação durante os preparativos para as Olimpíadas.[9]

Não houve mudanças na prática e as mesmas violações continuaram imediatamente antes e durante as Olimpíadas. A investigação da Terre des Hommes indica um aumento de abuso policial contra crianças e adolescentes em situação de rua, incluindo espancamento, e muitos foram levados para unidades de detenção para menores infratores sem terem cometido uma ofensa criminal que justificasse suas internações.

Tentativas de esconder jovens negros pobres

No final de 2015, os ônibus circulando das zonas mais pobres ao norte para as praias e áreas turísticas eram sistematicamente parados por policiais. A polícia enviava adolescentes, em sua maioria jovens negros de comunidades pobres que não possuíam dinheiro ou documentos, de volta às suas casas ou para abrigos. As entrevistas da Terre des Hommes revelaram forte evidência de que o objetivo dessa prática, que não existia até próximo das Olimpíadas, era limitar o acesso de jovens negros das favelas às partes mais privilegiadas da cidade. Devido à pressão de organizações pelos direitos da criança, esta prática foi encerrada antes do início das Olimpíadas. No entanto, as linhas de ônibus que conectavam o norte da cidade à zona sul foram permanentemente cortadas.

Quase simultaneamente, o governo inaugurou uma parceria público-privada chamada Operação Segurança Presente, em colaboração com a Fecomércio-RJ, uma associação privada de comércio, serviços e turismo. Contando agora com mais de 500 agentes (uma mistura de policiais militares e agentes civis), a operação está em atividade na Lagoa Rodrigo de Freitas, Aterro do Flamengo, Méier e no Centro – todas áreas estreitamente conectadas com as instalações construídas para as Olimpíadas. De acordo com estatísticas oficiais, ao final das Olimpíadas a operação contabilizou mais de 2.000 prisões, a metade dessas supostamente por posse ou uso de entorpecentes, e 610 pessoas vivendo em situação de rua foram removidas e levadas a abrigos.[10] A Terre des Hommes não teve acesso ao número de menores de 18 anos inseridos nesta informação, já que os dados oficiais não são separados por idade ou gênero.



Adolescentes em situação de rua, na região do Catete, Rio de Janeiro, 2016

Abordagem violenta a adolescentes em situação de rua

Os adolescentes em situação de rua com quem a Terre des Hommes conversou disseram que eles notaram um aumento do uso da força por guardas municipais, incluindo agressão e violência, visando levá-los a abrigos no período antecedente às Olimpíadas. Outros descreveram como foram largados nos subúrbios do Rio logo antes do início dos Jogos.

A Terre des Hommes recebeu informação de que entidades religiosas que distribuem café da manhã para a população em situação de rua na zona sul do Rio foram proibidas de fazer isso pela Prefeitura durante os Jogos para evitar que esta população se aglomerasse naquelas áreas.

8. *University of Dundee, “Let’s Win this Game Together - Documenting violations of children’s rights around the 2014 FIFA World Cup in Brazil” [‘Vamos Vencer esse Jogo Juntos – Documentando as violações aos direitos das crianças por volta da Copa do Mundo da FIFA de 2014 no Brasil’] , 2015.*

9. *Comitê das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, “Concluding observations on the combined second to fourth periodic reports of Brazil” [‘Observações finais do segundo ao quarto relatórios periódicos combinados sobre o Brasil’], 30 de outubro de 2015.*

10. *Governo do Rio de Janeiro, http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=2920174 (acessado em 04.09.2016).*

“Deixe a gente *em* paz”

Helena Dias[11]*, 17,* vive atualmente nas ruas e disse à Terre des Hommes que ela percebeu um aumento na agressão contra crianças em situação de rua cerca de uma semana antes do início das Olimpíadas. Ela relatou que, enquanto estava sentada na rua com outros jovens em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, uma perua branca aproximou-se do grupo. Um agente saiu dela e bateu em uma das crianças com um pedaço de madeira com um prego na ponta. Helena relatou que os ataques com essa arma e espancamentos severos tornaram-se comuns durante os jogos. Meninas foram socadas e espancadas, inclusive nas partes íntimas de seus corpos. Ela disse que adolescentes em situação de rua eram obrigados a ir para abrigos durante os Jogos Olímpicos mesmo que não quisessem. Helena disse à Terre des Hommes que um grupo que ela conhece foi removido das ruas da principal zona turística do sul do Rio e levado a Providência, uma favela no centro da cidade. “Havia mais polícia nas ruas por causa das Olimpíadas e eles eram agressivos, eles estavam batendo na gente”, ela disse. Quando requisitada a mandar uma mensagem aos organizadores das Olimpíadas, ela disse “deixe a gente em paz e a gente vai deixar vocês em paz”.

Clique **aqui** *e assista ao depoimento.*

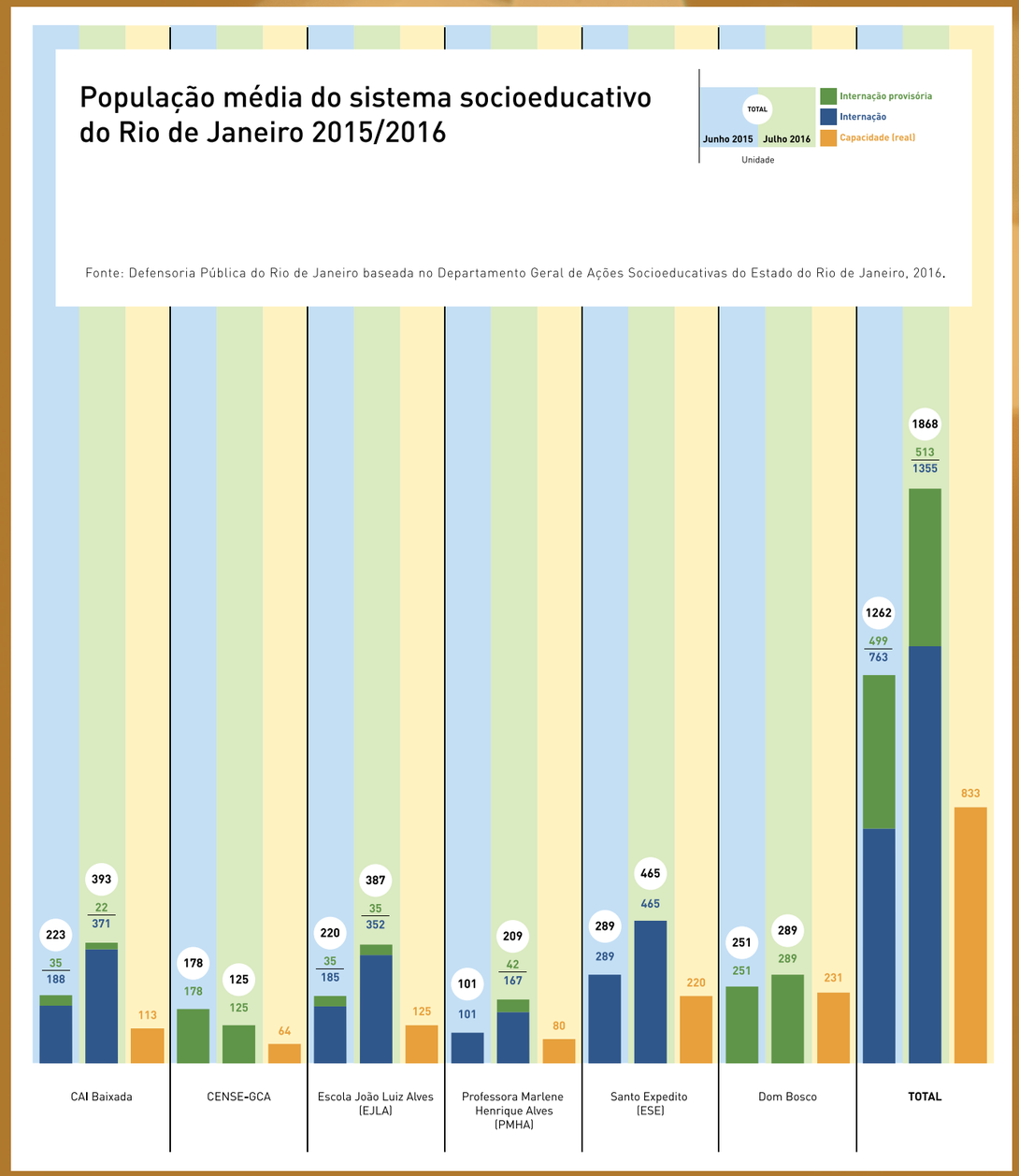
11. *Nome alterado para proteger a identidade da adolescente.*

Violações dos direitos da criança no sistema socioeducativo

As entrevistas da Terre des Hommes mostraram fortes evidências que indicam um aumento no número de adolescentes detidos no sistema socioeducativo, administrados pelo Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Estado (DEGASE) com a chegada das Olimpíadas. O encarceramento está sendo utilizado para atos infracionais não-graves, geralmente relacionados a ações não-violentas envolvendo drogas ou por violarem condicionais de sentenças.[12] De acordo com o Estatuto Brasileiro da Criança e do Adolescente (ECA), menores de 18 anos só podem ser internados em casos excepcionais, como último recurso, e por ato infracional envolvendo grave ameaça ou violência, reiteração de outras infrações graves, ou por "descumprimento reiterado e injustificado" de medidas anteriormente impostas.[13]

A Defensoria Pública do Rio de Janeiro recebe periodicamente informações sobre o número de adolescentes apreendidos em unidades do DEGASE e os verifica regularmente durante suas visitas. De acordo com estes dados, em seis unidades do estado do Rio de Janeiro, houve um aumento numérico de 606 adolescentes somente no último ano. Em junho de 2015, a porcentagem de capacidade média, já desumana, nesses centros era de 151%, enquanto que este ano eles enfrentam um nível inaceitável de 224% (veja gráfico na pg. 15). Na verdade, todas as unidades do DEGASE no estado do Rio de Janeiro estão criticamente superlotadas, com sua maioria operando ao menos com o dobro do número de internos de sua capacidade. A taxa média de aumento de internos entre 2015 e 2016 é de 48%, indicando claramente uma forte política de encarceramento antes das Olimpíadas.

A Terre des Hommes recebeu relatos de que as instalações não cumprem os padrões básicos de saúde e higiene, faltando suprimentos básicos como comida, vestimentas, remédios e funcionários. Muitos dos adolescentes não recebem educação alguma, constituindo uma violação de seus direitos sob a Constituição Brasileira e as leis internacionais.



12. *Por exemplo, violação de liberdade condicional.*

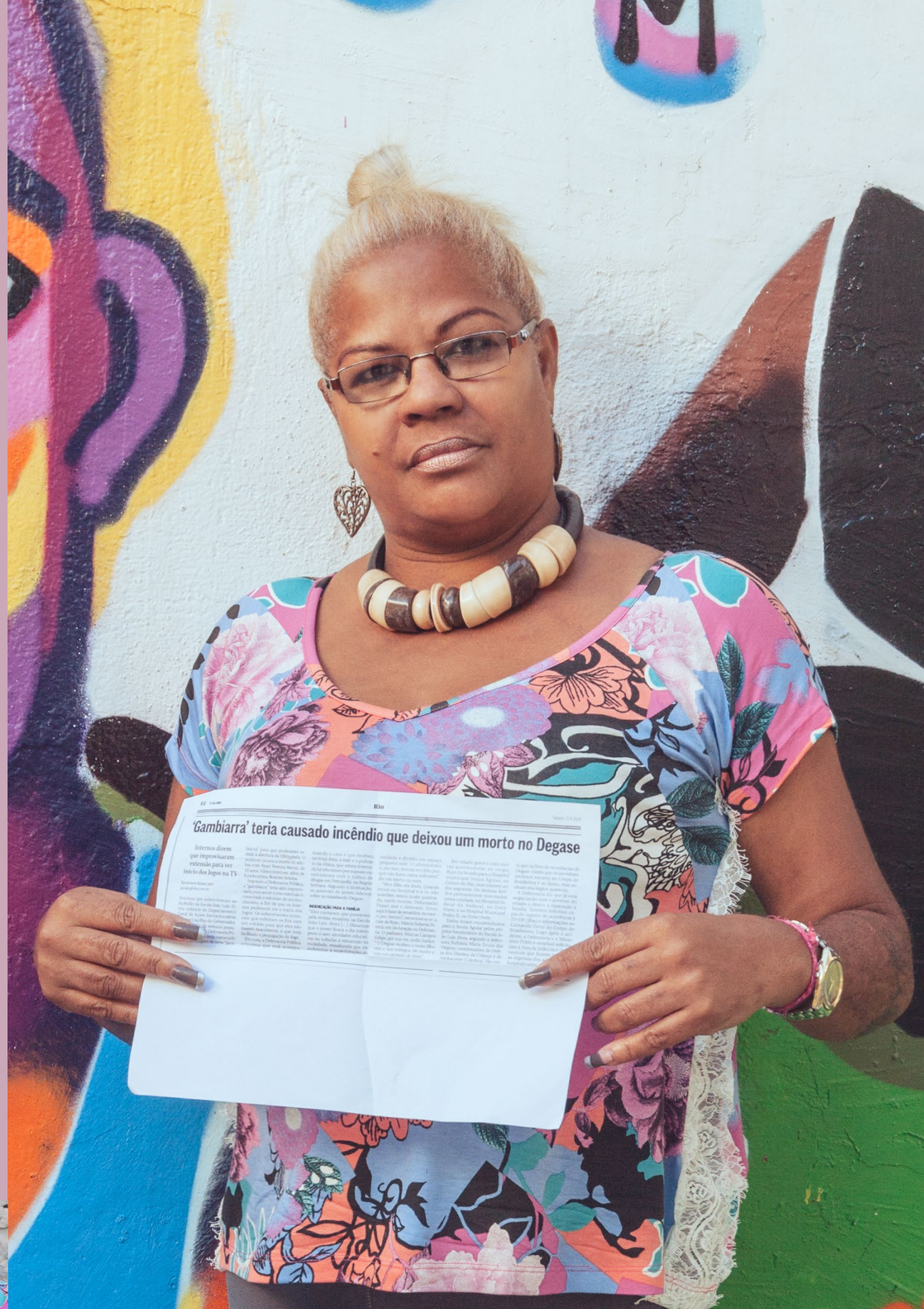
13. *Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal Brasileira Nº 8.069, 13 de julho de 1990), art. 122.*

Incêndio ***em uma*** **unidade do DEGASE**

No dia 5 de agosto, data da Cerimônia de Abertura, nove adolescentes detidos em uma unidade do DEGASE conhecida como Escola João Luiz Alvez (EJLA) na Ilha do Governador, sofreram queimaduras quando um incêndio começou dentro da cela. De acordo com familiares, a fiação elétrica entrou em curto-circuito quando eles tentaram fazer uma 'gambiarra' com os cabos do aparelho de TV para poderem assistir a Cerimônia de Abertura das Olimpíadas. A unidade tem fracassado em quase todos os aspectos dos direitos básicos dos jovens, operando a uma capacidade de 309%. Ryan Pereira Bento, 15 anos, sofreu queimaduras em 100% do rosto e morreu no dia seguinte. Já que a unidade não tinha vagas e Ryan não cometeu ato infracional mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ele deveria ter sido incluído em programa de meio aberto e não regime fechado.[14] Oito outros internos sofreram queimaduras de primeiro, segundo e terceiro graus e foram levados ao hospital no centro da cidade. Mesmo aqueles que estavam com queimaduras graves foram mantidos algemados por medo que tentassem escapar. A família de Ryan era de Petrópolis, cidade a 70 km do Rio de Janeiro. Familiares e funcionários de ONGs questionaram porque ele foi mandado à Ilha do Governador quando detido, em vez de a um centro mais próximo de sua residência. Esta questão permanece sem resposta até agora. O que foi confirmado, no entanto, é que "[a unidade] estava superlotada. Todo mundo sabia que alguma coisa iria acontecer, eles só não sabiam o quê", disse ***Monica Cunha*** do Movimento Moleque, um projeto que trabalha com jovens. No dia 2 de setembro, outro jovem gravemente queimado no incêndio morreu no hospital.

Clique **aqui** *e assista ao depoimento.*

14. *De acordo com o artigo 49, inciso II da Lei 12.594, de 18 de janeiro 2012.*



TIROTEIOS *e* HOMICÍDIOS PELA POLÍCIA: SEGURANÇA *para* QUEM?

A violência no Brasil afeta desproporcionalmente jovens homens negros. O Brasil tem o segundo mais alto número de homicídios de crianças e adolescentes do mundo.[15] Homicídio é a principal causa de morte de adolescentes entre 12 e 18 anos no Brasil, sendo responsável por 36,5% dos casos.
A probabilidade de jovens negros serem assassinados é quase três vezes maior que dos jovens brancos, e rapazes adolescentes têm risco quase doze vezes maior do que moças.[16] De acordo com uma pesquisa recente, 71,7% dos homicídios são cometidos com armas de fogo.[17] Em 2015, apenas na cidade do Rio de Janeiro, agentes de polícia foram responsáveis por um em cada cinco homicídios.[18]

À medida que os Jogos Olímpicos se aproximaram, os homicídios pela Polícia aumentaram

Como enfatizado pela Anistia Internacional Brasil, nos meses de abril, maio e junho de 2016 houve um aumento de 103% no número de pessoas mortas pela polícia na cidade do Rio de Janeiro, em comparação ao mesmo período do ano anterior.[19]

Os jovens foram particularmente afetados pelo aumento da intervenção policial à medida que os Jogos Olímpicos se aproximavam. Homicídios pela polícia também ocorreram em favelas com a presença de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), um programa de segurança que envolve a instalação permanente da polícia em favelas e que começou em 2008 no Rio, por volta da época em que a cidade foi anunciada sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016.

Jhonata Dalber Mattos Alves, 16 anos, foi baleado e morto pela Unidade de Polícia Pacificadora na favela do Borel no dia 30 de junho. Familiares afirmaram que ele estava comendo pipoca de um saco que foi confundido pela polícia com drogas.
A polícia, por outro lado, alegou que ele pertencia a uma quadrilha de traficantes que trocou tiros com os policiais. Nenhuma arma foi achada pelos agentes da perícia que investigaram a cena mais tarde.[20] No dia 22 de julho, Shayane Santos, de 14 anos, foi morta por uma bala perdida na favela de São Carlos. Apesar de não haver operação policial em andamento em São Carlos naquele momento, a família acredita que a bala veio do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), que atuava na Coroa, favela vizinha, na mesma noite.[21]

15. *UNICEF, Hidden in Plain Sight – a statistical analysis of violence against children [Escondido em Plena Vista – uma análise estatística da violência contra as crianças], 2014.*

16. *Homicídios na Adolescência no Brasil, Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) 2012.*

17. *Mapa da Violência 2016, "Homicídios por armas de fogo no Brasil", 2016, pág. 21.*

18. *Anistia Internacional, "Violence has no place in these games! Risk of human rights violations at the 2016 Rio Olympic Games" [Violência não tem lugar nestes jogos! Risco de violações de direitos humanos nos Jogos Olímpicos do Rio 2016], 2 de junho de 2016.*

19. *Anistia Internacional Brasil, "Rio 2016: Operações policiais violentas e com mortes são o legado para a segurança pública", 22 de agosto de 2016.*

20. *O Globo, "Polícia investiga morte de jovem no Borel", 1 de julho de 2016 , http://oglobo.globo.com/rio/policia-investiga-morte-de-jovem-no-borel-19623753 (acessado em 04.09.2016).*

21. *Dia, "Adolescente morre vítima de bala perdida no Morro do São Carlos", 22 de julho de 2016, http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-07-22/adolescente-morre-vitima-de-bala-perdida-no-morro-do-sao-carlos.html (acessado em 04.09.2016).*

Violência contínua enquanto os atletas competiam

O esquema de segurança para as Olimpíadas do Rio 2016 foi o maior da história do Brasil. Ele contou com 85.000 membros da polícia pela cidade (isto é, o dobro daquela de Londres em 2012)[22], sendo 47.500 desses oriundos da Força Nacional de Segurança Pública.

Ao menos oito pessoas foram confirmadas até agora como sendo mortas pela polícia ao longo das duas semanas dos Jogos do Rio. Duas delas eram menores de 18 anos. O Batalhão de Choque que invadiu a favela Bandeira 2 em Del Castilho no dia 11 de agosto deixou três moradores mortos, entre eles César Soares dos Santos, de 14 anos, e Matheus Amâncio de Aragão, de 15 anos. Os moradores descreveram como as pessoas correram para evitar os tiros, inclusive mães com bebês no colo. Eles acreditam que a polícia atuou em retaliação, já que, no dia anterior, um soldado da Força Nacional de Segurança foi morto a tiros na Maré.[23]

22. *G1, "Olimpíadas Rio 2016 terão 85 mil profissionais atuando na segurança", 30 de julho de 2015, http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/07/olimpiadas-rio-2016-terao-475-mil-profissionais-de-seguranca.html (acessado em 04.09.2016).*

23. *O Dia, "Confronto na Favela Bandeira 2, em Del Castilho, deixa três mortos", 12 de agosto de 2016, http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-08-12/confronto-na-favela-bandeira-2-em-del-castilho-deixa-tres-mortos.html (acessado em 04.09.2016).*

24. *Segundo o Instituto de Pesquisas e Estudos do Turismo do Rio de Janeiro (Ipetur-RJ) e a Fundação Cesgranrio.*

25. *Fogo Cruzado: http://fogocruzado.org.br/ (acessado em 04.09.2016).*

26. *Instituto Igarapé e Visão Mundial, "O que dizem as crianças? Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes", 2016.*

Crianças se escondendo de tiroteios nas favelas

Enquanto 90% dos turistas classificaram a segurança no Rio de Janeiro como "boa" ou "excelente"[24], os moradores das favelas relataram tiroteios em várias áreas, frequentemente a alguma distância das zonas turísticas da cidade e das instalações esportivas olímpicas. De acordo com o aplicativo Fogo Cruzado, uma plataforma digital colaborativa criada para mapear tiroteios e violência armada no Rio de Janeiro, 92 tiroteios ocorreram no Rio de Janeiro durante as Olimpíadas.[25]

A violência armada também causa impactos em outros direitos, como o direito à educação, já que escolas são fechadas e aulas são canceladas quando ocorrem trocas de tiros. Segundo o Índice de Segurança da Criança, um aplicativo de código-fonte aberto para mapear as percepções de crianças e adolescentes sobre a violência cotidiana, quando questionadas se suas aulas haviam sido canceladas por causa de tiroteios, 35% das crianças respondeu positivamente.[26]

O dia 19 de agosto foi de intensos tiroteios no Complexo do Alemão. Moradores postaram imagens nas mídias sociais de crianças escondendo-se nos banheiros para se protegerem contra o fogo cruzado. Além do Complexo do Alemão, as favelas do Acari, Borel, Del Castilho, Manguinhos e Maré, na Zona Norte; a favela Cidade de Deus, na Zona Oeste; e a favela Cantagalo, na Zona Sul, também passaram por operações policiais intensas durante o período em que os Jogos ocorreram.

PROTESTOS: ADOLESCENTES DURAMENTE REPRIMIDOS *pela* POLÍCIA

As entrevistas da Terre des Hommes revelaram uma abordagem agressiva da polícia, com uso indiscriminado da força contra adolescentes que decidiram protestar durante os Jogos Olímpicos de 2016. Antes das Olimpíadas, jovens manifestantes disseram à Terre des Hommes que alguns grupos de adolescentes decidiram não protestar de forma alguma por temerem táticas opressivas como gás de pimenta, balas de borracha e bombas de efeito moral, vistas durante a Copa do Mundo, que eles acreditavam que seriam usadas novamente.

No dia da Cerimônia de Abertura, dois protestos contra os impactos negativos das Olimpíadas foram anunciados publicamente nas mídias sociais. Um em São Paulo, na Avenida Paulista, e outro no Rio de Janeiro, próximo ao Maracanã, onde a cerimônia estava sendo realizada. Em ambos os protestos, a polícia usou táticas de intimidação assim que as pessoas começaram a chegar à praça. Policiais revistavam manifestantes aleatoriamente e os cercavam, aumentando as tensões. A Terre des Hommes também recebeu relatos de que a polícia se infiltrou no protesto, prática ilegal no Brasil.[27]

No Rio, apesar dos manifestantes terem entrado em acordo com a polícia quanto à organização do protesto, o Batalhão de Choque, a unidade de cavalaria e viaturas de polícia bloquearam o caminho da manifestação sem razão aparente. Quando chegaram ao ponto de destino concordado e enquanto as pessoas estavam se dispersando, a polícia jogou gás lacrimogênio no meio da praça, novamente sem motivo aparente, enquanto crianças brincavam no parquinho da praça.

Em São Paulo, a manifestação ligada às Olimpíadas do Rio foi predominantemente atendida por estudantes do ensino médio. A Polícia Militar tentou impedir que os adolescentes marchassem pelo trajeto que eles haviam planejado, alegando que os estudantes não haviam divulgado essa informação previamente, apesar de ter sido publicada no Facebook antes do evento. Alguns manifestantes relataram à Terre des Hommes que havia até cinco policiais para cada manifestante. Após um rojão ser solto no meio da multidão, a polícia usou a tática ilegal de cercar os manifestantes, de modo que não podiam mover-se livremente, conhecida como Caldeirão de Hamburgo ou ***kettling,*** levando à prisão de quase todos os presentes. Durante este período, manifestantes adolescentes receberam ameaças e abuso verbal dos policiais, incluindo comentários sexuais dirigidos a meninas menores de 18 anos. Uma jovem manifestante disse à Terre des Hommes que seus amigos foram espancados com cassetetes e que os policiais usaram gás de pimenta indiscriminadamente. Em torno de 100 manifestantes foram detidos; desses, cerca de metade era menor de 18 anos. Apesar de que andar pelas ruas sem documentos de identidade não é um crime no Brasil, cerca de 14 adolescentes que não carregavam documentos e cujos pais não os foram buscar na delegacia foram levados à Fundação Casa, centro de atendimento socioeducativo em São Paulo. Após a chegada de advogados ativistas, todos os adolescentes foram liberados sem acusações, mas tiveram seus nomes registrados pela polícia.

Policiais militares detêm Gabriel Reis, 17, em protesto antes da abertura dos Jogos Olímpicos, próximo ao Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, 2016

Outro protesto no subúrbio carioca do Méier em 12 de agosto, durante os Jogos Olímpicos, foi duramente e desnecessariamente reprimido pela Polícia Militar. Manifestantes foram novamente impedidos de seguir o caminho que haviam escolhido e anunciado publicamente, que teria sido em direção ao Estádio Engenhão, onde ocorriam os eventos de atletismo dos Jogos do Rio. Majoritariamente liderados por estudantes, os manifestantes encararam bombas de efeito moral, gás lacrimogênio e balas de borracha. Ao menos 50 foram detidos, sendo mais da metade menores de 18 anos, e uma pessoa foi ferida. Parte dos detidos foi enquadrada com base no Estatuto do Torcedor.[28]

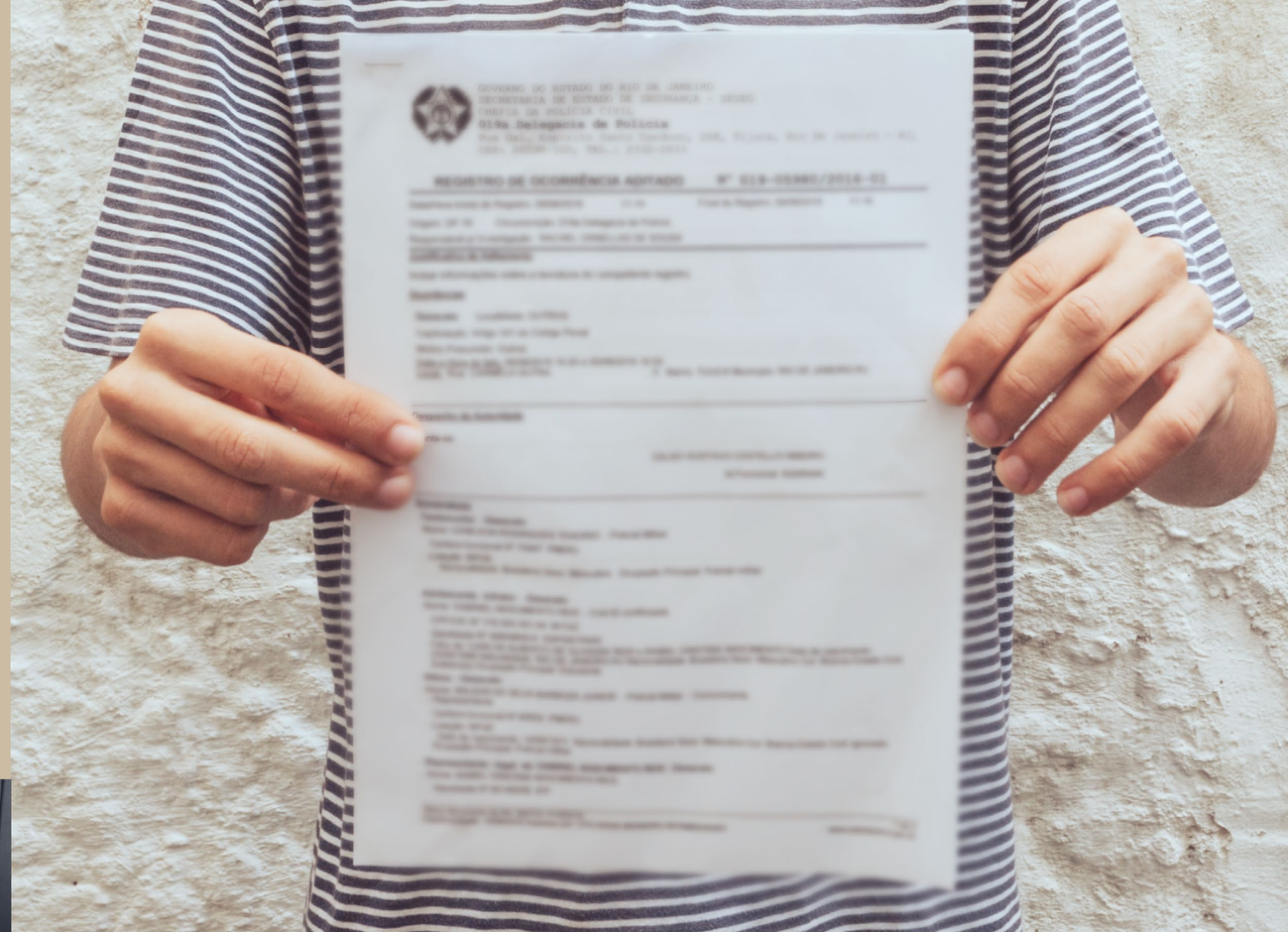
27. *Ponte, "Sem acusação PM prende 105 jovens que protestavam contra as Olimpíadas", 6 de agosto de 2016, http://ponte.org/sem-acusacao-pm-prende-105-jovens-que-protestavam-contra-as-olimpiadas-em-sp/ (acessado em 04.09.2016).*

28. *Segundo o Artigo 41B, parágrafo 1, I (Lei Nº 10.671, de 2003), constitui crime "promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de 5.000 (cinco mil) metros ao redor do local de realização do evento esportivo".*

Detido no protesto *com sua* **mãe**

Gabriel Reis, 17, que não é filiado a nenhum partido ou movimento social, tem participado de protestos no Brasil com seus familiares desde 2013, quando uma onda de manifestações tomou conta do país devido, entre outros motivos, à insatisfação da população em relação à Copa do Mundo. Em 5 de agosto, na noite da Cerimônia de Abertura, Gabriel saiu de casa para se unir ao protesto contra os impactos negativos das Olimpíadas no Rio e encontrou-se mais tarde com sua mãe, Isabel Reis. Quando a polícia bloqueou as ruas, eles provocaram um empurra-empurra e alguns manifestantes procuraram abrigo em uma padaria. Os policiais entraram na padaria, destruindo a mobília e batendo nas pessoas sem nenhum motivo. Dentro da padaria, Gabriel foi preso e algemado com as mãos para trás. Do lado de fora, cerca de trinta policiais chegaram exclusivamente para colocar Gabriel na traseira de uma viatura da polícia, junto com sua mãe, que insistiu em ir com seu filho. Isabel descreveu para a Terre des Hommes que, por cerca de duas horas a viatura rodou pela cidade, pois os policiais não tinham certeza para qual delegacia deveriam levá-los, devido ao fato de Gabriel ser menor de idade. Muitas ruas estavam fechadas ao tráfego ou engarrafadas por causa da Cerimônia de Abertura. O policial que recebeu o caso de Gabriel o acusou de desacato. Gabriel foi finalmente liberado para ir para casa às 21 horas, cinco horas depois de deixar sua casa. Após quatro dias de ser levado pela polícia, ele não havia recebido os documentos relatando seu caso, pois a delegacia não tinha papel para a impressora. Durante um encontro com representantes da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, a Terre des Hommes pediu mais informações sobre este caso, mas elas ainda não foram providenciadas.[29]

Clique **aqui** *e assista ao depoimento.*



29. *Encontro entre representantes da Terre des Hommes e membros da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, realizado em 24 de agosto de 2016.*

EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL *devido ao* ALTO FLUXO DE TURISTAS: REALIDADE *ou* MITO?

Menos de um mês antes das Olimpíadas, a mídia noticiou que três adolescentes foram resgatadas de exploração sexual, dentre um grupo de oito, no total, numa praia próxima às instalações olímpicas na Barra da Tijuca.[30] As adolescentes supostamente tinham entre 15 e 16 anos de idade. No dia 29 de agosto, o jornal El País noticiou uma rede de exploração sexual de crianças que estava operando na frente no estádio Olímpico. Segundo o canal de notícias, garotas entre 14 e 21 anos eram aliciadas através de anúncios de auxílios para modelos postados nas mídias sociais, prometendo uma vida de luxo. A quadrilha alugou três apartamentos em frente ao Parque Olímpico. Um deles, decorado com paredes cor-de-rosa, servia de residência para pelo menos quatro adolescentes – monitoradas por câmeras 24 horas por dia.[31]

Ainda assim, é difícil ter uma visão ampla do fenômeno, ou mesmo chegar a um número preciso de casos de exploração sexual de crianças durante as Olimpíadas. Como este é um crime particularmente difícil de ser rastreado, neste momento não é possível sequer confirmar se houve um aumento no número de casos.[32] Geralmente, o ponto de início de campanhas contra o tráfico de crianças é relacionado com a crença de que o alto fluxo de turistas durante as Olimpíadas aumenta o risco de exploração sexual infantil. No entanto, este tipo de violação parece estar, na verdade, ligada a outros impactos como as remoções forçadas e as operações de "limpeza" das ruas relacionadas aos Megaeventos Esportivos.[33] Por exemplo, antes das Olimpíadas, as crianças sob risco de despejo relataram à Terre des Hommes que temiam abuso sexual por causa da presença de um alto número de trabalhadores da construção civil nas obras de infraestrutura relacionadas à Olimpíada.

Grupos socialmente vulneráveis, transitórios ou excluídos são os mais afetados e, ao mesmo tempo, são por sua natureza menos visíveis às autoridades e às ONGs.[34] Dependendo da raça, gênero, classe social e nacionalidade envolvidos, uma interação pode ser compreendida como um flerte ou exploração sexual de crianças. Uma pesquisa realizada pela Childhood Brasil, no tema da exploração sexual de crianças entre 316 trabalhadores da construção civil em diferentes obras, revelou que 67% dos trabalhadores admitiram saber que outros trabalhadores pagavam por sexo com crianças e adolescentes, e 25% deles admitiram que eles próprios fizeram o mesmo.[35] Meninas e meninos sendo sexualmente explorados não são percebidos como vítimas – na verdade, nem mesmo como crianças e adolescentes. Isto mostra a banalização da exploração sexual de crianças e a invisibilidade do fenômeno.

30. *Folha de São Paulo, "Polícia resgata oito adolescentes sob exploração sexual em área Olímpica", 9 de julho de 2016 http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/07/1790108-policia-resgata-oito-adolescentes-sob-exploracao-sexual-em-area-olimpica.shtml (acessado em 04.09.2016).*

31. *El País, "Prostituição infantil com vistas para o Parque Olímpico", 29 de julho de 2016 http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/28/politica/1469733522_602997.html (acessado em 04.09.2016).*

32. *Marcel Hazeu e Frans van Kranen, "Sexual exploitation of children in Brazil: putting a spot on the problem" ['Exploração sexual de crianças no Brasil: iluminando o problema'], 9 de maio de 2014.*

33. *ECPAT Global Study: Sexual Exploitation of Children in Travel and Tourism, "Child Sexual Exploitation: What do Mega Sporting Events have to do with it?" ['Exploração Sexual de Crianças: O que Megaeventos Esportivos Têm a Ver com isso?'], maio de 2016.*

34. *Brunel University, "Child Protection and FIFA World Cup" ['Proteção às Crianças e a Copa do Mundo da FIFA'], julho de 2013.*

35. *Childhood Brasil, "The sexuality of the Civil Construction Worker – Sex Trade and Sexual Exploitation of Children and Adolescents" ['A Sexualidade do Trabalhador da Construção Civil – Comércio Sexual e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes'], 2009.*

CONCLUSÃO *e* RECOMENDAÇÕES

Enquanto a chama olímpica se apagava, com ela também se foi a promessa de um "Mundo Novo" para a geração futura. Os Jogos duraram somente duas semanas, mas o legado de exclusão e violação dos direitos das crianças e adolescentes irá continuar a viver por anos após a Cerimônia de Encerramento.

As consequências de médio e longo prazo para aquelas crianças que foram despejadas devido às Olimpíadas são abrangentes, indo desde fatores psicológicos até os transtornos econômicos das famílias removidas para localidades distantes. A Rio 2016 teve a maior operação de segurança que o Brasil já viu. Mas o senso de segurança dos turistas veio a um custo alto para os adolescentes vivendo nas favelas. A violência contra os jovens abrangeu desde o aumento de homicídios pela polícia e o uso desnecessário da força ao abordar adolescentes em situação de rua, uma onda de superlotação nos centros de detenção juvenil e sua deterioração, até um aumento alarmante na repressão policial de protestos pacíficos.

Ao invés de um legado positivo, muitas crianças e adolescentes no Rio de Janeiro irão lembrar-se das Olimpíadas, a qual eles não foram nem convidados, nem incluídos, como um evento que violou seus direitos.

Recomendações

É indiscutível que o governo brasileiro tem a responsabilidade de proteger os jovens e garantir que seus direitos não sejam violados. Todavia, organizações reguladoras desportivas como o Comitê Olímpico Internacional (COI) também têm o dever de respeitar estes direitos. Na verdade, as políticas e práticas adotadas pelo COI têm o potencial de prevenir, mitigar, documentar e responder apropriadamente ao espectro completo de abusos diretamente causados ou exacerbados pelas Olimpíadas.

Em concordância com as recomendações feitas publicamente pela Terre des Hommes logo antes do início dos Jogos do Rio, o Comitê Olímpico Internacional deve[36]:

- Comunicar-se com o Comitê Organizador Local da Rio 2016 (COL) e com as autoridades brasileiras para garantir que:
  a) todas as medidas apropriadas em relação às violações contra os direitos da criança causadas ou exacerbadas pelas Olimpíadas do Rio sejam tomadas, inclusive assegurando às vítimas o acesso à orientação e assistência jurídicas, que o processo legal devido seja observado,
  b) casos individuais sejam detalhadamente investigados, e que o acesso a medidas corretivas e compensatórias seja providenciado.

- Incluir na revisão prevista para o Contrato de Cidade-Sede de 2024 (programada para o final de 2016)[37] e em todos os contratos futuros:
  – Obrigações que assegurem o respeito aos padrões internacionais de direitos humanos, direitos da criança, e mecanismos anticorrupção na execução dos Jogos Olímpicos;
  – Fornecimento de acesso a medidas corretivas efetivas no caso de violações de direitos humanos ou direitos da criança, ou incidentes de corrupção;
  – Sanções, chegando a e incluindo o cancelamento do contrato, por não cumprimento das obrigações de respeitar direitos humanos e da criança, e padrões anticorrupção;
  – Estipulação em todos os contratos com parceiros comerciais que eles devem respeitar direitos humanos e da criança em toda sua cadeia de produção;
  – Monitoramento e gerenciamento de todos os impactos consistentemente às obrigações com direitos humanos e da criança e, finalmente;
  – Elaboração de um relatório de todas as ações tomadas, que deverá ser tornado público.

- Incluir direitos humanos, da criança, e medidas anticorrupção como parte do processo decisório para a concessão dos Jogos;

- Adotar robusta auditoria ***(due diligence)*** em matéria de direitos humanos, incluindo uma análise de risco e impacto com forte foco nos grupos vulneráveis, como crianças e jovens, e agir com base nesses resultados através do desenvolvimento de um plano de ação;

- Assegurar que todos os países-sede de futuras Olimpíadas se comprometam com a proteção dos direitos humanos, incluindo os direitos da criança, e que implementem medidas anticorrupção;

- Acompanhar e relatar todas as fases dos Jogos, assim como apoiar um sistema de monitoramento externo independente para supervisionar a implementação das ações planejadas seguindo a auditoria ***(due diligence)***;

- Garantir acesso à reparação, incluindo o estabelecimento de um sistema de ouvidoria e investigação de queixas;

- Estabelecer um guia interno de capacidades de direitos humanos e orientar sobre todas as atividades relacionadas aos direitos humanos e da criança.

Nos últimos meses, o COI começou a mostrar sinais promissores de disponibilidade de engajamento em um diálogo construtivo e em tomar os elementos supracitados em consideração. Certamente, ainda é muito cedo para dizer se estes sinais irão traduzir-se em mudanças fundamentais e concretas, e se os Jogos futuros irão realmente "criar um mundo melhor e deixar isto como um legado para as próximas gerações".

---

36. *No dia 2 de agosto, a Anistia Internacional Brasil e a Terre des Hommes organizaram uma coletiva de imprensa sobre o impacto das Olimpíadas, quando a Sport and Rights Alliance (SRA) divulgou uma série de recomendações para o COI. Ver em http://www.childrenwin.org/ioc-in-talks-over-human-rights- recommendations/*

37. *International Olympic Committee, Host City Contract Principles – Games of the XXXIII Olympiad – Candidature Process 2024 [Comitê Olímpico Internacional, Princípios de Contrato de Cidade-Sede – Processo de Candidatura 2024], setembro de 2015, pág. 1.*

Terre des Hommes
International Federation

www.terredeshommes.org

CHILDREN WIN
CHANGING THE GAME OF MEGA SPORTING EVENTS

www.chindrenwin.org | info@childrenwin.org